

Dança
28, 29, 30 de maio 2014
Integrado no Festival Alcantara

Pindorama

de Lia Rodrigues

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Criação e direção Lia Rodrigues **Assistente de direção** Amália Lima **Dançado e criado em estreita colaboração com** Amália Lima, Leonardo Nunes, Gabriele Nascimento, Francisco Thiago Cavalcanti, Clara Castro, Clara Cavalcante, Dora Selva, Felipe Vian, Glaciél Farias, Luana Bezerra, Thiago de Souza **com a participação na criação de** Gabriela Cordovez **Dramaturgia** Sílvia Soter **Colaboração artística** Guillaume Bernardi **Criação de luz** Nicolas Boudier **Direção técnica** Magali Foubert **Fotografia** Sammi Landweer **Produção-difusão internacional** Thérèse Barbanel/“Les Artscéniques” **Assistente** Colette de Turville **Residência de criação no** Théâtre Jean-Vilar de Vitry, **Projeto de ‘compagnonnage’** **Com o apoio do** Conseil Régional d’Île-de-France **Coprodução** Festival d’Automne à Paris, Théâtre national de Chaillot, Théâtre Jean Vilar de Vitry-sur-Seine, La Briqueterie/CDC du Val-de-Marne, King’s Fountain, Kunstenfestivaldesarts **Em copresentação com** Kaaïtheater (Bruxelas) e HELLERAU – European Center for the Arts (Dresden, Alemanha) **Em parceria com** Redes da Maré e Centro de Artes da Maré **Correalização** Festival d’Automne à Paris, Théâtre National de Chaillot, Théâtre de la Cité International

A Lia Rodrigues Companhia de Danças é apoiada pela Petrobrás e pelo Ministério da Cultura do Brasil no âmbito do programa Petrobrás Cultural – apoio à companhia e ao processo de criação 2012/2013 – em associação com Redes da Maré.

Pindorama será apresentado no dia 1 de junho de 2014, na Fundação de Serralves, integrado no programa do 11º Serralves em Festa.

Na quarta-feira 28, após o espetáculo, haverá uma conversa com os artistas na Sala 1.

Qua 28, qui 29, sex 30 de maio
21h30 · Palco do Grande Auditório · Duração: 1h20 · M16

*Como abordar, ainda uma vez, as possíveis relações do estar juntos? Misturando-se até a diluição? Afirmando limites e singularidades? Que rituais, sacrifícios e acordos seriam necessários para a constituição de um coletivo, ainda que temporário? Que paisagens criar para Pindorama – nome indígena dado às terras brasileiras antes da chegada dos europeus? Este é o território que explora a terceira parte de um tríptico de Lia Rodrigues sobre a água, que começou com *Pororoca* (2009, apresentado na Culturgest em abril de 2010), que designa uma onda imensa nascida do encontro do oceano com um rio, e prosseguiu com *Piracema* (2010, apresentado na Culturgest em março de 2012), que designa uma contracorrente, sempre na língua tupi.*

Entrevista de Gilles Amalvi a Lia Rodrigues, durante o processo de criação de Pindorama, para o Festival d’Automne à Paris

GA Pindorama é a terceira parte de uma trilogia que começou com *Pororoca*, centrada na questão do coletivo. Que relações se estabelecem entre estas diferentes peças? Pindorama “encerra” este ciclo?

LR Uma criação começa sempre muito tempo antes, faz um caminho interior antes de se concretizar. Eu já andava a refletir sobre esta peça quando ainda estava a trabalhar na precedente – e já tinha esta ideia de um tríptico, três objetos que se articulam entre si. Para mim esta peça é a terceira do tríptico, mas não diria que ela o “encerra”, antes que abre um novo horizonte, um novo ponto de partida. Na palavra “trilogia” sinto qualquer coisa de pesado, de rígido – mas para mim as passagens, os ecos, o que circula entre estas peças, é muito fluido. Por isso prefiro falar de “tríptico”, como quadros em que os motivos se misturam, respondem uns aos outros.

Concretamente, a principal diferença nesta peça vem dos bailarinos. Mantenho o número de onze bailarinos – parece-me um bom equilíbrio para tratar da questão do coletivo – mas desta vez quero renovar a equipa; isso constitui uma descoberta, uma maneira de ir ao encontro do outro. É ao mesmo tempo um risco e uma coisa excitante. Por isso fiz uma audição, partindo da obra de Clarice Lispector, sobre que realizei ateliês no Brasil. O trabalho

sobre a sua obra ajudou-me muito a entrar no processo de criação. A peça propriamente dita não será construída a partir dos livros de Clarice Lispector – para mim é uma fonte de inspiração mais profunda: abre um espaço imaginário. A literatura ajuda-me a iniciar um processo de reflexão.

GA *De onde lhe vem o desejo de voltar a colocar a questão do coletivo no âmbito do ato de criação?*

LR A questão do coletivo interessa-me porque é simbólica do conjunto da minha atividade: é uma metáfora tanto do processo criativo como do trabalho que desenvolvo na favela da Maré há cerca de 10 anos, com um centro cultural, uma escola de dança... Todas as relações que tenho que estabelecer e manter para poder estar lá – todas as pessoas com quem é preciso trabalhar – tudo isso só pode funcionar com uma certa ideia de coletivo – feito de esperança, de compromisso, de discussões, de energia. Esta questão está tão presente na minha vida, no dia-a-dia, que tenho necessidade de lhe dar forma de outra maneira através da dança. No fundo é um estaleiro de obras permanente! O tríptico é uma resposta a esta necessidade de elaboração. E quando digo que a peça não é um encerramento, isso quer dizer que ela se abre também a novas ideias, novas práticas fora do espetáculo: abre-se para a realidade.

O fio que liga estas peças é mesmo a questão da relação com o outro: como sermos nós próprios mantendo a relação com outros – e como isso modifica

a relação connosco próprios. Há um termo em português do Brasil que é a forma verbal da palavra “outro”: *outrar*; significa ser o outro, ir ao encontro do outro, estar em relação com o outro, e este verbo descreve perfeitamente o tipo de relação que procuramos nesta peça.

GA *As três peças do tríptico começam por um “p”. É fruto do acaso ou há uma razão para isso?*

LR Quando criei *Piracema*, a segunda peça, foi puramente accidental. Só depois é que me apercebi que as três peças tinham títulos começados por “p”. Talvez seja uma particularidade da língua tupi, falada pelos povos nativos do Brasil – os três nomes vêm desta língua. Em *Pindorama* o processo foi um pouco diferente: escolhi este título pelos significados que evocava. Aliás, surgiu muito mais cedo do que é habitual. Normalmente o título surge-me já bastante tarde no processo de criação, vem cristalizar alguma coisa. Neste caso, precisei deste significado para dar início ao trabalho.

GA *O nome apareceu antes, como se indicasse já uma paisagem? A que significados está esta palavra ligada?*

LR A palavra “paisagem” é muito apropriada, e é nisso que *Pindorama* me faz pensar. Trata-se do nome do Brasil antes da chegada dos portugueses. Li num historiador brasileiro que, quando os portugueses chegaram à costa nas suas caravelas, chegaram por descre-

ver uma “terra vazia”. Na realidade, havia 5 milhões de habitantes que ocupavam a terra de uma forma que os colonizadores não eram capazes de ver. O que viam como uma terra vazia era uma terra habitada, cultivada. Para mim é uma metáfora muito importante: é a ideia de que o que não se reconhece não se vê. Quando não se conhece a cultura do outro, o outro não existe. A diferença ou é negada ou constitui uma ameaça que é preciso erradicar. O que se pode fazer numa terra vazia? Pode-se fazer tudo, tudo é possível! Os habitantes não são nada, são seres inferiores. A cultura, a subjetividade, a criação dos habitantes é completamente negada. Para mim, tudo isto funciona como uma forte metáfora para refletir sobre o outro. De onde vem este desejo de domínio, de destruição, e como inventar outra coisa? Por outro lado, isto leva-me ao Brasil contemporâneo e ao lugar que o Brasil ocupa no imaginário: no estrangeiro pensa-se que é um país em pleno crescimento – que está tudo bem. Mas o país está construído sobre uma bolha económica muito perigosa, que corre o risco de rebentar a qualquer momento. O campeonato do mundo de futebol, que vai realizar-se aqui, é um bom exemplo: o dinheiro jorra, ao mesmo tempo que a situação de milhões de pessoas é muito complicada e as desigualdades não param de aumentar. Vejo-o bem, trabalhando aqui na favela da Maré. O bairro começa a ser “pacificado” pela polícia, mas os habitantes têm falta de tudo.

GA *A ideia de “corpo coletivo” que ressalta deste projeto, assim como a*

invenção de “rituais”, pode de certo modo fazer pensar na obra da artista brasileira Lygia Clark. É uma referência para si?

LR É engraçado que fale em Lygia Clark: na semana passada mostrei um primeiro “ensaio aberto”, um “estado” das improvisações em curso; e o que temos estado a fazer até agora inspira-se muito na obra de Lygia Clark. Em particular nas experiências que eu tinha desenvolvido sobre a sua instalação *Túnel*, quando tive oportunidade de a recriar para uma exposição que lhe foi dedicada, em 1998. As obras corporais, a arte participativa, a arquitetura biológica... todas essas noções que ela inventou são muito importantes para mim, irrigam e alimentam todas as minhas criações de uma forma ou de outra. Aqui, tentamos recriar a experiência – de outra maneira, claro – de uma grande travessia de um túnel apoiando-se nos corpos dos outros. Para isso tentámos encontrar gestos rituais que permitissem forjar uma passagem.

GA *No fundo, esse túnel, essa passagem, é também uma metáfora da própria peça, que constitui a passagem para outra coisa?*

LR Sim, absolutamente, pode ver-se desse modo. Mas, claro, ainda estamos em período de pesquisa, é difícil saber como será a peça final. Estou mesmo no início do trabalho com os corpos. Tenho muitas imagens na cabeça, a partir destas ideias – do vazio, da passagem, da paisagem – é sempre muito diferente quando as ideias se encarnam. Gostava

de criar algumas paisagens efémeras – paisagens corporais e mentais. E trabalhar sobre todas as matizes, todas as possibilidades de estarmos juntos – ou de não estarmos juntos.

GA *Nesta ótica de paisagem, e de encarnação dum corpo coletivo, vai conceber um cenário ou será tudo transmitido diretamente pelos bailarinos?*

LR Acho que, como as outras peças, *Pindorama* será o mais simples possível em termos de espaço. Tanto por razões estéticas como económicas. Tento sempre criar peças que possam ser produzidas e montadas no meu espaço, a Maré – onde não há nada, nem luzes, nem cenários – parto desse vazio – mesmo sendo 11 bailarinos, o que já é importante... Já em *Pororoca* a minha ideia era que toda a peça pudesse caber numa mala, para poder viajar por todo o Brasil – mesmo para os lugares mais desprovidos de condições técnicas. Para mim é muito importante, de um ponto de vista político – tendo em consideração a situação da dança no Brasil, que é muito problemática, para que há demasiado poucos meios, espaços, circuitos. Este trabalho é completamente diferente do que posso fazer quando trabalho em França. Quero fazer espetáculos que possam ir facilmente ao encontro das pessoas. Peças nómadas para corpos coletivos...

Lia Rodrigues faz percutir os corpos e o plástico

Pindorama conclui uma trilogia sobre a água, a comunidade e o Brasil.

Uma manga de plástico transparente, água, corpos nus, silêncio. A pobreza do dispositivo do novo espetáculo da coreógrafa brasileira Lia Rodrigues, *Pindorama*, é inversamente proporcional ao seu impacto. Quanto à força de expansão, tem uma capacidade insuspeita à primeira vista, que nos arrasta inexoravelmente. Verdadeiramente uma chicotada maravilhosa num início de temporada coreográfica bastante soturna.

Pindorama, o nome do Brasil antes da chegada dos portugueses, que estreou a 15 de novembro na sequência de uma residência de duas semanas no Théâtre Jean-Vilar, em Vitry (Val-de-Marne), que há nove anos apoia Lia Rodrigues, mergulha nas obras precedentes da coreógrafa carioca com um efeito formidável de ressaca (refluxo de uma onda), o motivo coreográfico principal de Rodrigues.

Depois de *Pororoca* (2009), que designa uma vaga imensa que resulta do confronto entre o oceano e um rio, e de *Piracema* (2010), que quer dizer “contracorrente”, sempre na língua dos índios tupi, *Pindorama* completa uma trilogia sobre a água, a comunidade e o Brasil, de uma contundente justeza.

Não há propriamente um palco em Pindorama: apenas a caixa negra que alberga tanto os onze intérpretes como o público, que está de pé durante o espetáculo e é convidado a deambular. Os

bailarinos desenrolam lentamente uma manga de plástico de que cada extremidade é segurada por três deles. Está montada a cena. Aparece uma mulher nua que se asperge com uma garrafa de água e depois desliza para o chão e é arrastada por uma incrível tempestade. Aos gritos, os intérpretes sacodem a manga de plástico e levantam uma ventania que faz balançar a bailarina e salpica os espectadores. Estamos no teatro e mergulhamos num mar agitado.

Em *Pindorama* a arte e a natureza selam um pacto firme. Dele surge um território comum em que os materiais mais básicos e também os mais artificiais mostram como os paisagens sobrepostas. As ondas da tela extravasam e tornam-se ondas oceânicas indomáveis. O seu percutir no chão cria sons de tempestade. Estas visões sobrepõem-se às situações encenadas sem uma medida comum mas emocionalmente em perfeito ajustamento. Ao mesmo tempo que os corpos nus de vários bailarinos acabam amontoados como destroços, deslizam-nos diante dos olhos imagens de ciclones. Cataclismo imaginário bem real que o espetáculo exalta de um modo mágico. Do mínimo, Lia Rodrigues extrai o máximo.

Ao longo de *Pindorama*, sucedem-se uma quantidade de situações fugazes que se encadeiam umas nas outras. É ainda uma ressaca, o fluxo e refluxo de uma vaga. A violência e a doçura sempre misturadas. Os reflexos de luz dos balões de água, que flutuam no solo como medusas, dialogam com a pele dos intérpretes. Os espectadores deslocam-se naturalmente, empurrados pelos

corpos nus dos bailarinos que rebolam a seus pés.

O silêncio, a respiração e o ruído dos corpos em ação, o “splash” da água, parecem todos um no espaço comum e simplesmente partilhado. Se há uma diferença evidente de estatuto entre o bailarino e o espectador, ele faz-se esquecer numa espécie de cadeia humana. O tema do coletivo joga-se em todos os tabuleiros.

Um ponto sobretudo salta aos olhos. A economia de *Pindorama* é exemplar. Em tempos de crise e no contexto brasileiro, a sua modéstia voluntária e o seu artifício comedido são, mais do que um pressuposto estético, uma ética espetacular. Provando que as ideias verdadeiras só precisam de si próprias para se imporem. E não é de somenos, hoje, que este círculo virtuoso do fundo e da forma encontre o seu lugar no meio do público.

Sem ostentação, Lia Rodrigues, apoiada, entre outros, para esta produção, pelo Festival d'Automne e o Théâtre de Chaillot, em Paris, trabalha em condições estritas, acomoda-se a elas e transforma-as num trunfo.

Instalada desde 2003 na favela da Maré (140 000 habitantes), à beira da grande avenida Brasil que liga o Rio ao aeroporto, ensaia num barracão que se tornou no Centro de Artes da Maré. Dividiu o edifício em dois para abrir, em 2012, uma escola de dança para jovens.

Rosita Boisseau
Le Monde, 23 de novembro de 2013

Nus no Mundo

Em cartaz no Centro de Artes da Maré, *Pindorama*, o mais recente trabalho da Lia Rodrigues Companhia de Danças, oferece uma rara e intensa experiência para quem rompe a barreira do círculo Centro – Zona Sul. A escolha da Maré como sede da companhia, há uma década, já carrega em si muitos simbolismos, sobretudo a ideia de uma nova partilha do sensível entre artista e público, conceito do filósofo francês Jacques Rancière.

O espetáculo é apresentado no galpão-sede do grupo, uma antiga fábrica, onde foi concebido em 2013. Um chão de cimento cheio de imperfeições, paredes brancas com pé direito altíssimo e

cortinas pretas emolduram a cena, onde o público fica colado aos intérpretes, que também são cocriadores. Não há qualquer isolamento acústico, daí uma mistura de sons de fora, como buzinas, falação, fogos-de-artifício e até barulho de avião tornando o real mais presente e a experiência mais intensa.

O trabalho é apresentado pela coreógrafa como a última parte de uma trilogia sobre água e coletividade (*Pororoca*, de 2009 e *Piracema*, de 2011). De fato, como em todas as criações de Lia, *Pindorama* trata mesmo é de gente, dos encontros e desencontros, das mazelas e fragilidades humanas, do estar no mundo, da luta pela sobrevivência que pode nos transformar em bichos. É claro, tira o fôlego, balança e bagunça

com as emoções diante do forte impacto visual, mas faz valer cada um dos seus 80 minutos.

Na primeira cena, um longo plástico transparente toma boa parte do chão e em cima dele é colocada uma série de bolhas (aparentemente camisinhas) cheias de água. Há mais tempo no grupo, a bailarina Amália Lima, também assistente de direção, surge nua em cima do plástico que, movimentado por outros intérpretes, transforma-se num mar revolto. As bolhas estouram, espalhando água para todos os lados e dando mais dramaticidade à cena. Amália luta, incansável, para não submergir. Surpreende a qualidade dos movimentos dela mas também de quem dá vida ao oceano, numa coreografia milimetricamente bem executada até à exaustão. De forma mágica, o som do plástico reproduz o som das águas.

Luta pela sobrevivência

O plástico-cenário é usado com a mesma maestria na segunda parte. Saem as águas, agora é a luta literal pela sobrevivência quando o chão não cabe nos pés. Corpos que se encontram e se repelem no início de um furacão. *Pindorama* tem profunda conexão com *Aquilo de que somos feitos*, obra de Lia de 2000, marco na história do grupo por assumir um viés político, transformando a dança em manifesto ao mesmo tempo em que se aproximava da performance, devido a seu lado imprevisível.

Os corpos desnudos, que agonizavam fechando aquele espetáculo, ressurgem agora em meio a bolhas cheias de água que, como a fragilidade do viver, vão

estourando em contato com o mundo. No chão duro que aos poucos vai sendo tomado por líquidos, corpos estrebucham, respirando afanosamente, numa proximidade do público que desconcerta. Não dá para passar incólume por esse retrato sem retoques da vida como ela é.

Adriana Pavlova
O Globo, “Segundo Caderno”,
20 de março de 2014



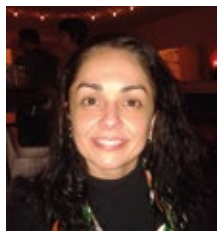
© Sammi Landweer



Lia Rodrigues

Lia Rodrigues, nascida no Brasil, estudou dança clássica em São Paulo e fundou o Grupo Andança em 1977. De 1980 a 1982 mudou-se para França e dançou na Companhia Maguy Marin. De regresso ao Brasil, instalou-se no Rio de Janeiro onde fundou a Lia Rodrigues Companhia de Danças. Criou *Gineceu* (1990), *Catar* (1992), *Ma* (1993), *Folia I* (1996), *Folia II* (1997), *Resta um* (1997), *Aquilo de que somos feitos* (2000), *Dois e um dois* (2001), *Buscou-se falar, portanto, a partir dele e não dele* (2002), *Formas* (2002), *Contra aqueles difíceis de agradar* (2005), *Encarnado* (2005), *Hymnen* (2007), *Chantier poetique* (2008), *Pororoca* (2009), *Piracema* (2011) e *Pindorama* (2013). As suas coreografias receberam inúmeros prémios no Brasil e no estrangeiro e recebeu do governo francês a medalha de Chevalier de l'Ordre des Arts et des Lettres. Em 1992 fundou o festival anual de dança Panorama Rioarte de Dança, que dirigiu até 2005. Desde 2003, desenvolve projetos artísticos e pedagógicos no Centro de Artes da Maré, na favela da Maré, no Rio de Janeiro. Lia

Rodrigues é uma militante de corpo e alma. Não admira por isso que na sua arte o próprio corpo se assuma como um manifesto. No cruzamento da performance, das artes plásticas e da dança, o seu trabalho desloca o corpo do confortável e do familiar para o questionamento e o desconhecido.



Amália Lima

Iniciou os seus estudos em dança em 1984 na cidade de João Pessoa-Paraíba. Em 1989/90/91, residiu em São Paulo, onde estudou na Escola Ismael Guiser, tendo como seus professores Yoko Okada, Bete Arenque e Ismael Guiser. Nestes anos também integrou como bailarina a “Cia. da dança”, dirigida por Vera Francini e Tony Dhemar. Teve a sua formação em Dança Contemporânea em 1996, concluída pela Escola Espaço Novo – Centro de Estudos do Movimento e Artes – dirigida por Angel Vianna, no Rio de Janeiro.

Nos anos 1997/98, integrou e atuou como bailarina-colaboradora a Benvinda Cia. de Dança, dirigida por Dudu Herrmann (Belo Horizonte-MG), o espetáculo

O Armário, tendo a sua estreia no Centro Cultural Banco do Brasil, dentro do projeto “Dança Brasil” no Rio de Janeiro em abril de 1999. Neste mesmo período foi preparadora corporal da Cia. de Arte Deu Palla. Desde novembro de 1999, no Rio de Janeiro, integra a Lia Rodrigues Companhia de Danças como bailarina-colaboradora de todas obras dançadas até então: *Aquilo de que somos feitos*, *Formas breves*, *Encarnado*, *Pororoca*, *Piracema*, *Pindorama*. Dá aulas regulares para a companhia desde 2006. No espetáculo *Pindorama*, fez a assistência de direção, além de colaborar como bailarina. Em 2013 fez a coordenação do “núcleo 2”, para jovens aprendizes do Projeto de Formação da Escola Livre de Dança da Maré, que tem como suas diretoras Sílvia Soter e Lia Rodrigues.



Leonardo Nunes

Iniciou a sua prática de dança com o coreógrafo paulista Ivaldo Bertazzo, participando nos trabalhos *Mãe Gentil* (2000), *Folias Guanabaras* (2001) e *Danças das Marés* (2002). De 2002 a 2004 estagiou na Deanima Companhia de Dança. A partir de 2005 trabalha com

a Lia Rodrigues Companhia de Danças, participando nas criações *Encarnado* (2005), *Hymnem* (2007), *Chantier Poetique* (2008), *Pororoca* (2009), *Piracema* (2011) e *Pindorama* (2013).



Gabrielle Nascimento

Carioca, 28 anos, licenciada em dança pela UniverCidade da Cidade RJ, iniciou a prática de dança com o coreógrafo Ivaldo Bertazzo, participando nos trabalhos *Mãe Gentil* (2000), *Folias Guanabaras* (2001), *Dança das Marés* (2002). Entre 2002 e 2006 participou em alguns projetos independentes até ingressar na Lia Rodrigues Companhia de Danças, no início como estagiária e mais tarde como integrante do elenco fixo. Com Lia Rodrigues dançou, criou e colaborou em *Hymnem* (2007), *Chantier Poetique* (2008), *Pororoca* (2009), *Piracema* (2011) e *Pindorama* (2013).

Francisco Thiago Cavalcanti

Cearense-mineiro-carioca, 30 anos, ator e bailarino desde os 9. Bacharel em Dança pela UFV-Mg. Frequentou o Colégio de Dança do Estado do Ceará. Dançou com Valéria Pinheiro, Sílvia



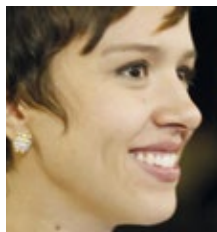
Moura, Mário Nascimento. Atuou no grupo de teatro de rua Teatro de Caretas sob a direção de Vanéssia Gomes e Galba Nogueira. Viveu e trocou experiências artísticas e afetos com Ernesto Gadelha, Jeane Doucas, Marcela Levi, João Saldanha, Denise Stutz, Armazém Cia. de Teatro, Grupo Galpão, Márcio Abreu, Cristina Moura, Maura Baiochi e Rosemary Lee, entre outros. Está na Lia Rodrigues Cia. de Danças desde 2011, onde ama intensamente o trabalho nela laboriosamente construído.



Clara Castro

Nasceu no Rio de Janeiro em 1987. Iniciou os seus estudos profissionalizantes em dança, em 1998, fazendo aulas de ballet clássico com Eliana Karin, com quem estudou durante 10 anos.

A partir de 2001, agregou à sua prática aulas de dança moderna de Lester Horton e Martha Graham sob tutoria de Gregory Lorenzutti e, posteriormente, com Regina Sauer, e também aulas de dança contemporânea com Alex Neoral. Em 2011, fez um intercâmbio para Nova Iorque por 5 meses com foco em dança contemporânea. De 2009 a 2012, Clara integrou a Cia. Nós da Dança, dirigida e coreografada por Regina Sauer. Em 2013 participou no espetáculo *Exercício M, de movimento e de maré* do Núcleo de Formação Intensiva em Dança da Escola Livre de Dança da Maré com direção geral de Lia Rodrigues. No mesmo ano integrou a Lia Rodrigues Companhia de Danças. Clara também se formou, em 2012, no curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.



Clara Cavalcante

Mineira de Campinas que mora no Rio. Bacharel e licenciada em Dança pela UFV-MG. Iniciou a especialização em Técnica Klauss Vianna na PUC-SP e cumpriu duas disciplinas do programa de mestrado em Artes da Cena na UNICAMP-SP. Trabalhou com Rosa

Antuña, Mário Nascimento, Reynaldo Muniz e Júlia Ritter, entre outros. Integra a Lia Rodrigues Cia. de Danças há um ano.



Dora Selva

Nasceu na cidade de São Paulo. Começou os seus estudos em dança na escola do movimento Ivaldo Bertazzo. Após finalizar a graduação em Artes do Corpo, pela PUC-SP, mudou-se para o Rio de Janeiro para trabalhar com a Lia Rodrigues Companhia de Danças, primeiro como estagiária, depois como bailarina da companhia.



Felipe Vian

Iniciou os seus estudos em dança contemporânea em 2001 no Projeto Núcleo

de Dança Votorantim – São Paulo, onde esteve em contato com diversos artistas do Brasil e exterior. Participou em diferentes projetos e coletivos de dança no interior paulista desenvolvendo ideias e produções como artista independente. No período de 2008 e 2011 engajou nas produções audiovisuais, *performance* e instalação. Fez parte do grupo Arsenale della Danza, criado e dirigido por Ismael Ivo, junto com a Bienal de Veneza. Há mais de um ano integra a companhia Lia Rodrigues Companhia de Danças.



Glacieli Farias

Cearense, bailarino e professor, iniciou os seus estudos de dança especificamente de contato improvisação em Itapipoca-CE junto a Cia. Balé Baião em 2004. Participou em vários cursos de diferentes técnicas de dança ao longo da sua carreira e desenvolveu trabalhos de caráter colaborativo com outros artistas, para além de trabalhos autorais, alguns incluídos na programação da Bienal de Dança do Ceará 2008. Foi contemplado com o Prémio de Residência para Criadores pelo rumos dança itau cultural 2012-2014, projeto que foi desenvolvido em 2013 na Lia Rodrigues

Cia de Danças onde atua como bailarino desde então.



Luana Bezerra

Brasileira, carioca. Iniciou os seus trabalhos com dança em 1999. Na sua trajetória atuou durante cinco anos na companhia de dança Arquitetura do Movimento de Andrea Jabor (RJ), criou e atuou com Renan Martins, carioca e residente em Bruxelas (BE) o duo Volta(r). É licenciada em dança pelo Centro Universitário da Cidade – UniverCidade e faz parte da Lia Rodrigues Cia. de Danças há um ano.



Thiago de Souza

Nasceu em 1984, no Estácio, bairro carioca conhecido como “o berço do

samba”. Consolidado numa formação que transita entre os bailes *funk* cariocas e o ballet clássico, trabalhou em colaboração com Dani Lima e integra a Lia Rodrigues Cia. de Dança há um ano.

Centro de Artes da Maré (CAM)

O Centro de Artes da Maré (CAM) aberto ao público em 2009, é fruto da parceria entre a Lia Rodrigues Companhia de Danças e a Redes da Maré. Idealizado para criação, formação e difusão das artes, com destaque para a dança contemporânea, o CAM vem se constituindo numa referência genuína para romper com a segmentação existente entre os diferentes territórios da cidade no campo do direito à arte. O Centro, além de ser a sede da Lia Rodrigues Companhia de Danças, abriga o Ponto de Cultura Rede de Arte da Maré, a Escola Livre de Dança da Maré e o MaréCine, entre outras iniciativas. Espaço de encontro e de troca de experiências de artistas e pessoas de todas as idades, o CAM é um catalisador de experiências estéticas e humanas. Um lugar de fricções, deslocamentos e sonhos que se entrelaçam, expressão concreta de uma utopia urbana com novas paginações e atores.

Mais informação sobre a Lia Rodrigues Companhia de Danças em: www.liarodrigues.com

Próximo espetáculo de música

Stefan Pasborg Free Moby Dick

Ciclo “Isto é Jazz?”

Comissário: Pedro Costa

Jazz Dom 1 de junho

Pequeno Auditório · 21h30 · Dur. 1h · M3



Um grupo nórdico que pega em grandes temas da história do rock – de Elvis, Rolling Stones, Led Zeppelin, Tom Waits e muitos outros – e os transforma em jazz de vanguarda.

Próximo espetáculo de instalação/performance

Mais Pra Menos Que Pra Mais

de vera mantero & convidados

Em colaboração com o Teatro Maria Matos

Jazz Dom 1 de junho

Pequeno Auditório · 21h30 · Dur. 1h · M3



Num percurso entre o Maria Matos e a Culturgest, em espaços exteriores e interiores, Vera Mantero pretende criar eventos em que o público possa atravessar o ato performático, visitá-lo, ativá-lo, sentir-se dentro dele, abordando formas concretas de “dar a volta” a algumas atuais formas de vida, tanto em termos ambientais como em termos vivenciais/relacionais/criativos/humanos.

Mais informações em www.culturgest.pt

Conselho de Administração

Presidente

Álvaro do Nascimento

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel dos Santos Arada

Pietra Fraga

Alice Neiva

Estagiária:

Teresa Vaz

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Estagiárias:

Mariana Cunha

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blazquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de Direção Cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

(coordenador)

Paulo Abrantes

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (chefe)

Vítor Pinto

Maquinaria de Cena

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Vasco Branco

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Ana Luísa Jacinto

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo

A L K ALKANTARA
A N T FESTIVAL
A R A 13^o Festival Internacional
de Artes Performativas